



DOI: 10.33947/1980-6469-V17N2-4753

EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E DIREITOS HUMANOS

EDUCATION, COMMUNICATION AND HUMAN RIGHTS

Ana Claudia Fernandes Gomes¹, Flavia Daniela de Pereira Delgado²

Submetido em: 15/09/2021

Aceito em: 25/04/2022

RESUMO

Os direitos humanos e sociais norteiam pesquisas e projetos de intervenção em espaços formais, informais e não formais de educação e constituem uma das principais interfaces sociais da comunicação. O objetivo desse paper é o relato de três experiências didático-pedagógicas desenvolvidas nos cursos de graduação em Comunicação Social de uma instituição privada de ensino superior localizada na região metropolitana de São Paulo. Metodologicamente, optou-se pela descrição dos projetos realizados durante os anos de 2020 e 2021, na modalidade de ensino remoto, durante o período de isolamento social motivado pela pandemia de covid-19, que deflagrou desigualdades no acesso ao conhecimento e à informação, a partir da necessidade de reinvenção do processo de ensino-aprendizagem. Os ecossistemas educacionais desenvolvidos pelos graduandos e docentes, que integraram saberes em projetos interdisciplinares e relacionaram teoria e prática, foram pautados pela garantia de direitos à educação, à cultura e à comunicação no (re)conhecimento de identidades e ações de cidadania. Como resultado, foram produzidos álbuns, podcasts e documentários, que promoveram a autonomia de pensamento e cooperação em grupo, características fundamentais de um ensino ativo e transformador.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação social. Direitos humanos. Ensino remoto. Universidade. Educomunicação.

ABSTRACT

Human and social rights guide research and intervention projects in formal, informal and non-formal education spaces and constitute one of the main social interfaces of communication. The aim of this paper is to report three didactic-pedagogical experiences developed in undergraduate courses in Social Communication at a private higher education institution located in the metropolitan region of São Paulo. Methodologically, we chose to describe the projects carried out during 2020 and 2021, in the form of remote learning, during the period of social isolation caused by the covid-19 pandemic, which triggered inequalities in access to knowledge and information, from the need to reinvent the teaching-learning process. The educational ecosystems developed by undergraduates and teachers, who integrated knowledge in interdisciplinary projects and related theory and practice, were guided by the guarantee of rights to education, culture and communication in the (re)cognition of citizenship identities and actions. As a result, albums, podcasts and documentaries were produced, which promoted the autonomy of thought and group cooperation, fundamental characteristics of an active and transforming teaching.

KEYWORDS: Social communication. Human rights. Remote teaching. University. Educommunication

¹ Doutoranda em Ciências da Comunicação pela USP, Mestre em Sociologia pela USP, graduada em Ciências Sociais (Sociologia e Antropologia) pela UNICAMP. Docente da Universidade Guarulhos nos cursos de graduação em Comunicação Social e Serviço Social. E-mail: anaclaufg@gmail.com

² Doutora em Ciências da Comunicação, USP e Docente da Universidade Guarulhos nos cursos de graduação em Comunicação Social. E-mail: flavia.delgado@globo.com



1 INTRODUÇÃO

Assim como os direitos humanos são interligados, interdependentes e indivisíveis, a educação também se constitui a partir da interação de saberes, de práticas sociais, de projetos e ações de cidadania e transformação social interligadas, interdependentes e indivisíveis. Ao defender a Educação em Direitos Humanos, a Secretaria de Direitos Humanos do Governo Federal indica algumas necessidades como:

desenvolver processos participativos e de construção coletiva, utilizando linguagens e materiais didáticos orientados à mudança de mentalidades e de práticas que possam gerar ações e instrumentos em favor da defesa, da promoção e ampliação dos direitos humanos. (MDH, 2018).

Nesse sentido, o direito à educação dialoga com os direitos culturais, políticos, sociais, civis, econômicos, ambientais, sexuais e reprodutivos, com ênfase na liberdade de expressão garantida pelo direito à comunicação. As inter-relações entre educação e comunicação configuram um terreno fértil de discussão e estudo para as ciências sociais e as ciências da comunicação.

Na teoria sociológica clássica, a educação e a cultura são elementos essenciais para a configuração da teia social. Georg Simmel explica a sociabilidade a partir do “jogar com” os atores sociais, as formas de sociação que na escola estabelecem relações de amizade, de ensino-aprendizagem, de pertencimento comunitário e de trocas culturais. Norbert Elias cria o conceito de “configuração social” para explicar a interdependência de indivíduos às instituições sociais como a escola. Émile Durkheim apresenta a escola como um “fato social”, instituição que estabelece regras estruturantes da sociedade, assim como, a família, a igreja, o Estado e os meios de comunicação. Karl Marx critica e relaciona a escola às condições e à conscientização das “classes sociais” no sistema capitalista de produção de mercadorias. Já Max Weber compreende a escola como espaço simbólico das “ações sociais” e de poder estabelecidas entre os indivíduos. Por sua vez, Antonio Gramsci analisa a escola como elemento para a transformação social, a partir da atuação de “intelectuais orgânicos”, que podem ser alunos, professores, líderes comunitários. Paulo Freire atribui à educação e à escola o processo de “autonomia” e emancipação humana. Pierre Bourdieu relaciona a escola com o desenvolvimento do “habitus” e do “capital cultural” dos indivíduos inseridos em um campo de poder e dominação.

A linguagem em sua multiplicidade de signos constitui a principal interface mediadora entre Comunicação e Educação, estabelecendo diálogos interdisciplinares nas dimensões culturais e políticas da sociedade. Segundo Lopes (2018), a partir da teoria barberiana de comunicação, pode-se aplicar o modelo de rizoma como orientação metodológica para a análise do campo, da rede e da teia de relações estabelecidos, pois, “o rizoma se estende e desdobra num plano horizontal, de forma acêntrica, indefinida e não hierarquizada, abrindo-se para a multiplicidade, tanto de interpretações quanto de ações” (p.47). Ainda segundo a autora, a sociedade contemporânea “com sua mutação tecnológica passou a configurar um novo ecossistema comunicativo” (MARTIN-BARBERO apud LOPES, 2018, p. 58)

O ensino remoto indica-nos “pistas metodológicas” sobre as configurações sociais em diferentes momentos históricos e as interfaces sociais estabelecidas entre educação e comunicação em cada contexto. Os fluxos comunicacionais constituídos por linguagens e sublinguagens apresentam-se como indicadores de aceitação e divulgação de valores sociais e morais relacionados às inovações, representadas nesse artigo pela tecnologia na mediação de processos educacionais, transmissão de mensagens e recepção de produtos comunicacionais.

A educomunicação (SOARES, 2014) dialoga com os campos e preceitos teórico-práticos dos campos da Educação e da Comunicação, mas, mantém a autonomia paradigmática e amplia as discussões para a dimensão cultural que legitima o processo comunicativo como dinâmica social que representa e indica a transformação social. A partir de participação ativa em ações democráticas que garantam o direito universal à expressão e à comunicação, o ambiente escolar configura as inter-relações entre estudantes e professores e transforma-se. Trata-se de “ações mediante as quais, ou a partir das quais, os sujeitos sociais passam a refletir sobre suas relações no âmbito da



educação” (SOARES, 2011, p. 47).

A complexidade do tema requer reflexões a partir de pesquisas e experiências que ocorrem em diferentes âmbitos da sociedade, como o poder público, instituições dedicadas à pesquisa e formação, e a sociedade civil organizada ou iniciativas individuais, seja na pesquisa seja em projetos especiais, de modo a fortalecerem a cidadania. (VIANA; XAVIER, 2015, p. 20)

A universidade como espaço de sociabilidade e educação é configurada pela cultura em suas diversas representações, legislações, projetos político-pedagógicos e linguagens. Nesse contexto, a observação da linguagem como elemento central de investigação e mediação de estratégias comunicacionais e educacionais tornou-se fundamental para o reestabelecimento do “jogo” educacional entre os atores sociais.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

a) Projeto “Identidades e memória na cultura digital”

A disciplina Antropologia constitui disciplina obrigatória para o curso de graduação em Comunicação Social (Jornalismo e Publicidade) da Universidade Guarulhos e tem como objetivo central o desenvolvimento do olhar crítico em relação à realidade social. Como estratégia didática, trabalhos de pesquisa etnográfica com a metodologia da pesquisa de campo são incentivados como forma de integrar teoria e prática no processo de ensino e aprendizagem. O projeto “Identidades e memória na cultura digital”, foi criado a partir de discussões em sala de aula sobre os conceitos de árvore genealógica e formação do povo brasileiro, que motivaram discussões sobre identidades e memória em um contexto de sociedade hiperconectada, com plataformas digitais e novas formas de sociabilidade criadas por “nativos digitais”. Muitos alunos narraram histórias de famílias migrantes, que recriaram vínculos sociais na cidade de Guarulhos; outros apontaram arranjos familiares que promoveram o distanciamento geográfico e conseqüentemente, o distanciamento histórico e social entre os parentes que “perderam o contato”. Pesquisar a própria família foi considerado um grande desafio por parte dos estudantes, que metodologicamente utilizaram entrevistas qualitativas realizadas pessoalmente, por aplicativos e redes sociais. Houve coleta de fotos, cartas e registros que constituíram importantes elementos narrativos para o reconhecimento das identidades e memórias do grupo familiar.

Após a coleta de dados, os alunos organizaram álbuns e scrap books em vários formatos e apresentaram voluntariamente os resultados de suas investigações. Como em uma grande roda de conversas, contaram e ouviram histórias, puderam compartilhar experiências e reconheceram-se como protagonistas de suas histórias de vida, baseadas em memórias familiares criadas e recriadas. Foi interessante observar como o “familiar transformou-se em exótico e o exótico transformou-se em familiar”, de acordo com Lévi-Strauss.

As fotos e relatos representaram as tradições, crenças e costumes das interfaces da família brasileira. Considerando a inexistência de um único modelo familiar, durante a realização do projeto, muitas narrativas configuraram a diversidade das culturas e das famílias brasileiras, em seus aspectos sociais e econômicos. Diferentes memórias registradas por diferentes narradores, constituíram o nosso trabalho antropológico pautado na prática da etnografia.

Como principal técnica para o desenvolvimento da coleta de dados, destacou-se o “grupo da família do WhatsApp”, em que os parentes compartilharam histórias e fotos e construíram narrativas coletivas sobre família. Muitos estudantes enfatizaram a importância da experiência e a expectativa dos familiares em guardarem os registros realizados como relíquia ou álbum de família.

O primeiro estudante que pediu para apresentar o seu trabalho final, dividiu o relato em quatro gerações: avós ou “o início de tudo”; pais e tios; filhos e primos ou “como estão hoje”; bebê primo de segundo grau ou “a última geração” e finalizou com “curiosidades” sobre alguns membros da família ou histórias rememoradas a cada encontro familiar. Em uma narrativa romanceada, os avós foram apresentados como os protagonistas responsáveis pela criação da história e da memória da família, que surgiu a partir da superação de desigualdades sociais. A religio-



sidade destacou-se no enredo da tradicional família rural, que representou o “mito do herói” na narrativa pessoal do estudante protagonista de sua história, construída a partir de suas conquistas e reconhecimentos escolares e esportivos. Na última página do álbum, ele criou um mosaico construído com várias fotos dos familiares e a frase em letras maiúsculas: “E por fim, essa é toda nossa família, não é a melhor, nem a pior, é simplesmente a minha família”.

Considerando a inexistência de um único modelo familiar, durante a realização do projeto, muitas narrativas apresentaram a diversidade das culturas e das famílias brasileiras, em todos os seus aspectos. O empoderamento feminino destacou-se em muitas narrativas, com destaque para o depoimento “após minha mãe se separar de meu padrasto e romper com a relação patriarcal, juntamos nossas rendas, mudamos e alugamos outra casa onde moramos todas juntas (mãe e quatro filhas)”. Diferentes memórias registradas por diferentes narradores constituíram o nosso trabalho antropológico. Como desdobramento das apresentações, ao analisar as diversas expressões da Questão Social, oriundas das desigualdades da sociedade capitalista de produção de mercadorias, o projeto permitiu a discussão sobre políticas públicas e sociais e a atuação do comunicador social na garantia de direitos.

Finalmente, em um “oceano informacional” constituinte da cibercultura (LÉVY, 1999), cultura da interface (JOHNSON, 2011), cultura da convergência e da conexão (JENKINS, 2009; 2014), o resgate de memórias e o reconhecimento de identidades apresentam-se como constelações que orientam as rotas em busca da história, em um contexto de pós-humanismo e cidadania digital (DIFELICE, 2009).

De acordo com Certeau (1994), “a arte de dizer” do narrador propicia a reconstituição de um tempo ausente permeado de vestígios simbólicos e significativos da formação de sua identidade social. As lembranças do cotidiano constituem a cultura plural e permitem o mapeamento das necessidades sociais.

Durante as aulas, a participação de todos foi estimulada com a aplicação de metodologias que priorizaram a autonomia e a criticidade na leitura e elaboração de projetos, que antecederam as discussões de textos e vídeos. Didaticamente, os trabalhos foram organizados individualmente, com destaque para o protagonismo das narrativas pessoais e em seguida, compartilhados coletivamente.

A expressão ‘práxis educacional’ não designa um encontro genérico entre Comunicação e Educação, mas corresponde a uma ação intencional, gestada coletivamente, e que, ao transcender a racionalidade da interdisciplinaridade (quando as ações dependem da luta de forças no interior do processo de confluência/confronto entre campos em ação, a título de tese e antítese), gera um novo fluxo substancial de conceitos e práticas, de caráter transdisciplinar (quando elementos constitutivos dos campos em confronto se articulam em uma nova unidade conceitual, autônoma, de “interface”, passando a produzir significados próprios, a título de síntese) (SORES, 2017, p. 45).

As formas de linguagem não podem ser desconectadas da configuração social na qual seus sujeitos encontram-se, pois antes de serem experiências individuais e subjetivas, são experiências sociais, exemplos de sociabilidade, são formas conectadas à configuração de seres interdependentes, os quais sempre estão criando novas formas de comunicação em relações dialéticas na dinâmica da vida social.

Segundo Hooks (2013), pensar a educação a partir da práxis freiriana significa “agir e refletir sobre o mundo a fim de modificá-lo” (p. 26) e nesse sentido, o ensino deve ser um movimento contra as fronteiras e para além delas, incentivador de transgressões que rompam as relações de dominação instituídas socialmente e promovam a liberdade.

Simbolicamente, representei conceitos constituídos e constituintes da Educomunicação, que indicam caminhos a serem compartilhados:

E mancipação
D emocrática
S U jeitos
Pro **C** esses



C O nsciência
M ovimento
H U manização
Auto N omia
D I alógica
Dialéti C a
Liberd A de
A Ç ão
Reflex ã o
Transformaçã O

b) Projeto Comunicast – Podcast

No âmbito da disciplina Atualidades em Radiojornalismo, ministrada a alunos do sétimo semestre do curso na Universidade Guarulhos, cujo propósito é estabelecer discussões teórico-práticas acerca das novas tecnologias aplicadas à linguagem audiofônica, buscou-se como projeto final estabelecer uma ponte entre o fazer jornalístico em rádio e novos formatos digitais, mormente a prática do podcast, ferramenta digital de produção e difusão de conteúdos sonoros pela Internet surgido no final de 2004, cuja denominação consiste em um neologismo a partir da aglutinação dos termos “iPod” (tocador de MP3 da Apple) e “broadcasting” (transmissão, sistema de disseminação de informação em larga escala).

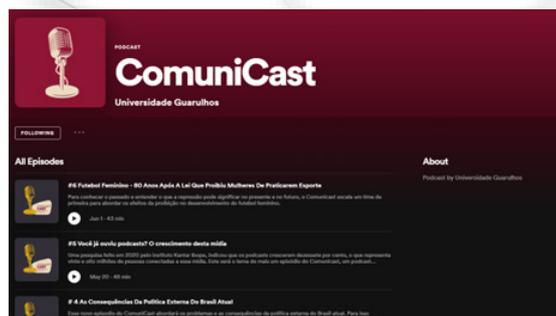
Para Rezende (2007), Podcast é mais uma das expressões da cibercultura, portanto um retrato do que se convencionou chamar “novas mídias”, conservando a maior parte das características inerentes às formas de comunicação mediadas por computador presentes na contemporaneidade como: o caráter libertário e desterritorializado, a interação de sentidos nas interfaces, a desvinculação dos tradicionais polos de produção de conteúdo, topologia de distribuição (muitos para muitos), instantaneidade e interatividade com o usuário.

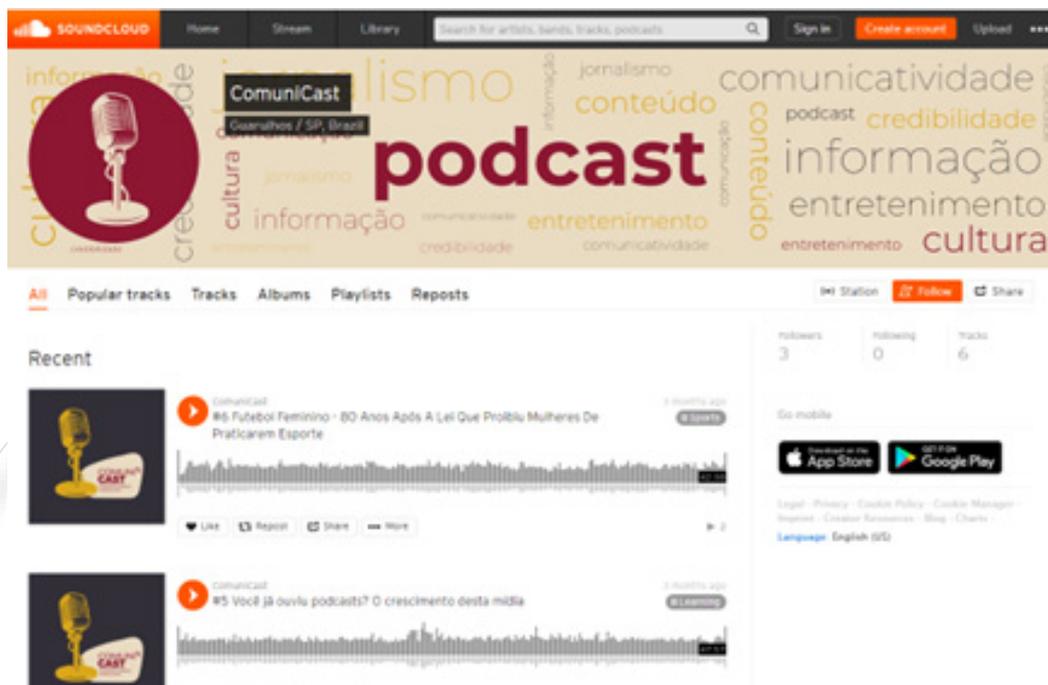
Os Podcasts reforçam o fenômeno da produção individual ou de grupos autônomos de conteúdo tão característico da cibercultura. A acessibilidade dos recursos tecnológicos e a facilidade de distribuição possibilitou a apropriação dos meios de produção pelos produtores com destaca Pierre Lévy:

Se o espetáculo (o sistema midiático), de acordo com os situacionistas, é o máximo da dominação capitalista, o ciberespaço então está realizando uma verdadeira revolução, pois permite – ou permitirá em breve – a cada um dispensar o produtor, o editor, o transmissor, os intermediários em geral, para dar a conhecer seus textos, sua música, seu mundo virtual ou qualquer outro produto de sua mente. (LÉVY, 1999 p. 54).

A série de programas foi concebida por alunos, supervisionados pela professora da disciplina no primeiro semestre de 2021, coincidindo com o auge dos casos de contaminação e mortes por Covid-19 no Brasil. Por isso, a produção do projeto foi 100% digital.

Optou-se por criar conteúdo jornalístico que abordasse temas da atualidade, a partir da reflexão de convidados, quase sempre especialistas em cada assunto em foco. O nome, a identidade visual, a duração média de cada episódio (15 minutos), bem como a linha editorial e o fluxograma de produção semanal foram resultados de decisões democráticas e coletivas da turma, bem como também a criação de um perfil na rede social Instagram (@comuni_cast) para a divulgação semanal dos episódios, além de perfis no Spotify, Soundcloud e um canal no Youtube, estes três últimos destinados à irradiação digital dos programas.





Figuras 1, 2, 3, 4 e 5 – Imagens dos perfil do projeto no Instagram, Youtube, Spofly e Soundcloud

Definiu-se um ciclo de produção de quatro semanas para cada episódio a partir do mês de março, seguindo o seguinte esquema: reunião de pauta em uma semana, produção de entrevistas por duas semanas, roteiro e locução em uma semana; edição e pós produção na última semana. A criação de vinhetas e BGs³ com o uso exclusivo de trilhas brancas⁴ ficou a cargo do técnico de laboratório, que também trabalhou remotamente.

A partir da definição da pauta de cada equipe, as entrevistas com as fontes se desenvolviam pelo Whatsapp e, aprovados os roteiros com a docente, cada grupo gravava as respectivas locuções de casa, via celular, a partir de aplicativos próprios para tal. Na fase seguinte, de produção e pós-produção, cada equipe editou seus materiais a partir de softwares diversos: Sony Vegas, Openshot, Audacity ou Filmora 9, todos disponíveis em versões gratuitas na web.

A experiência do Comunicast possibilitou aos alunos a chance de assumir o protagonismo de seu aprendizado, exercitando uma maior autonomia na vivência profissional do jornalismo, tanto do ponto de vista de criação quanto de produção, execução, organização e divulgação de um produto radiofônico digital, ampliando as possibilidades de experimentação em um contexto aparentemente adverso, o que certamente fortaleceu não apenas a confiança técnica, como também reforçou o caráter empreendedor dos futuros profissionais.

c) Projeto Webdocumentário

Como parte da disciplina Atualidades em Telejornalismo, que se propõe abordar a prática jornalística dos gêneros grande reportagem e documentário⁵, alunos do sexto semestre de Jornalismo da Universidade Guarulhos desenvolveram propostas de web documentários durante o segundo semestre de 2020. O desafio proposto para além das aulas e dos conteúdos teóricos abordados foi conceber um documentário para a web, com duração máxima de

³ BG= background. Nomenclatura usual no jornalismo para definir o som de fundo utilizado em produções audiovisuais

⁴ Trilha branca é a denominação técnica de músicas livres de direitos autorais

⁵ Demais gêneros televisivos são trabalhados na disciplina Fundamentos de Telejornalismo, ministrada um semestre antes, de acordo com a grade do curso.

sete minutos, cujas temáticas que dialogassem com o momento então vivido.

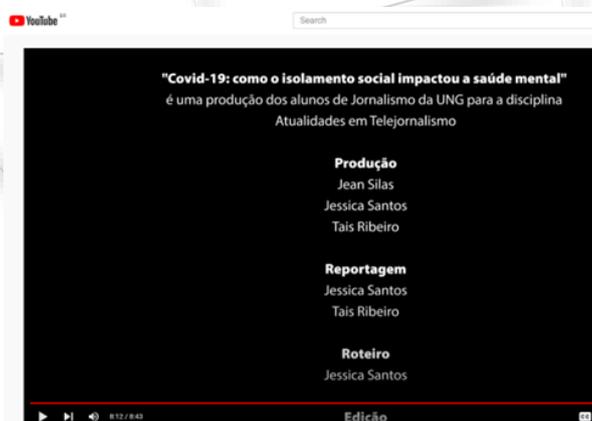
Originário do cinema⁶, o documentário é considerado também um gênero televisivo e, como lembra Lucena (2012) consistem em representações da realidade, do mundo histórico ao nosso redor. Ao enunciar um discurso sobre o real, o documentário se diferencia dos outros gêneros cinematográficos, o que em parte o credencia a figurar entre os gêneros jornalísticos de TV.

o documentário pretende descrever e interpretar o mundo da experiência coletiva. Essa é a principal característica que aproxima o documentário da prática jornalística. As informações obtidas por meio do documentário ou da reportagem são tomadas como “lugar de revelação” e de acesso à verdade sobre determinado fato, lugar ou pessoa. Diferentemente, portanto, do filme de ficção, no qual aceitamos o jogo de faz-de-conta proposto pelo diretor, não tendo, assim, cabimento discutir questões de legitimidade ou autenticidade; ao nos depararmos com um documentário ou matéria jornalística, esperamos encontrar as explicações lógicas para determinado acontecimento. (MELO, 2013, p. 28).

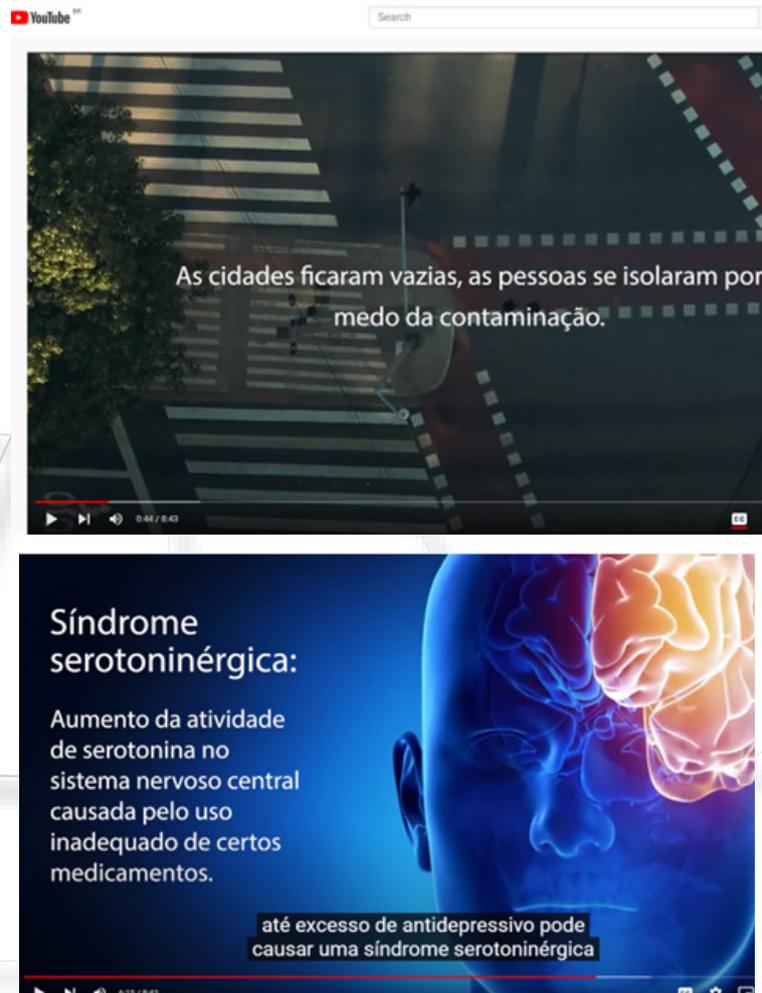
A turma foi dividida em equipes de até seis pessoas. Em agosto foram definidas as pautas e as primeiras entrevistas, feitas pelo software Zoom (que possibilita a interação ao vivo entre entrevistador e entrevistado, mas mediada por computador) foram gravadas entre setembro e meados de outubro. Para as imagens de apoio, foram utilizados bancos de imagens digitais gratuitas na internet, como Pixabay, Unsplash, Pexels e Rawpixel, entre outros. Após elaboração e aprovação de roteiro junto à docente, cada equipe procedeu à edição e pós-produção. Para tal, diferentes softwares como Premiere e Vegas foram utilizados pelos alunos, em suas casas.

Após aprovação da última versão, e elaboração de sinopse de cada documentário, as equipes fizeram upload de seus materiais em seus perfis pessoais no Youtube (uma página por grupo), tomando o cuidado de não as tornar públicas antes da apresentação final e coletiva, em novembro, momento em que alunos apresentaram também documentos em PDF contendo as pautas, o roteiro do documentário, bem como as autorizações de uso de imagem de cada entrevistado.

As temáticas apresentadas por alunos dialogaram plenamente com o momento de vivido e em consonância com o que se espera do papel social de um jornalista. Entre os temas abordados citamos violência contra a mulher, desemprego na pandemia, solidariedade entre a colônia de Haitianos (que inclusive rendeu uma campanha de arrecadação de alimentos, roupas e itens de higiene dentro do curso), além de saúde mental na pandemia – documentário este que foi selecionado para representar a Universidade no Prêmio Expocom Sudeste 2021, sendo selecionado como um dos cinco melhores documentários acadêmicos realizados no ano anterior entre IES dos estados de SP, MG, RJ e ES na categoria documentário televisivo.



⁶ Historicamente, as primeiras exibições cinematográficas da história, os filmes dos irmãos Lumière em 1895 são consideradas precursoras do documentário, pois se tratava de gravações de cenas do cotidiano e não cenas de ficção.



Imagens 6, 7, e 8, frames do documentário produzido por alunos selecionado em prêmio acadêmico Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=lt9mdEQ71lw>

A exemplo do projeto Comunicast, também a experiência dos web documentários propiciaram aos discentes uma experiência até então não vivida, de assumir para si todas as etapas de uma produção audiovisual. E tendo em vista os temas ligados à cidadania e a responsabilidade social do jornalista abordados nos produtos desenvolvidos, consideramos que a experiência foi bem sucedida, na medida em que conseguimos “tocar” os alunos, para além da experimentação técnica, em um momento tão grave de nossa história contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A universidade considerada como um espaço de sociabilidade que estabelece o jogo social entre os atores entrelaçados pela teia simbólica da cultura, reconfigura-se para atender às demandas da sociedade contemporânea. Discutir as relações existentes entre educação, comunicação e direitos humanos, a partir de produções acadêmicas de graduandos, torna-se relevante por elucidar as diversas interfaces sociais do processo de ensino-aprendizagem no ensino remoto.

A partir da participação ativa em ações democráticas que garantem o direito universal à expressão e à comunicação, o ambiente digital expandiu-se ao dinamizar e complexificar a formação acadêmica, ética e profissional dos cidadãos. Buscou-se nos projetos aqui mencionados reforçar o protagonismo do alunado em seu próprio processo de aprendizagem, apoiado pelas infinitas possibilidades propiciadas pelas novas tecnologias – em que pesem as



inúmeras dificuldades apresentadas a docentes e discentes pelo contexto da pandemia da Covid-19.

Assim, continua-se a trilhar o caminho da educação em um constante processo de reconstrução e ressignificações, a partir de políticas e ações afirmativas, que garantam a universalidade e a equidade na construção de uma sociedade justa e democrática.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. "Gostos de classe e estilos de vida". In: ORTIZ, R. (org.). Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 39. São Paulo: Ática, 1983.
- CERTEAU, M. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1994.
- EDUCAÇÃO em direitos humanos. Disponível em: www.mdh.gov.br. Acesso em: out. 2018.
- ELIAS, N. "Modelos de jogo. In: Introdução à sociologia. Lisboa: edições 70, 1970.
- FELICE, M. Paisagens pós-urbanas. São Paulo: Annablume, 2009.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. São Paulo, LTC, 1989.
- GOMES, A. C. F. "Educomunicação em relatos de experiências didático-pedagógicas no ensino superior". In: SOARES, I. S.; VIANNA, C.; PRANDINI, P. D. (Orgs.) Educomunicação, transformação social e desenvolvimento sustentável. São Paulo: ABPEducom, 2020. E-book Disponível em: <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/view/25/19/746-1>
- HOOKS, B. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade, São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2013.
- JENKINS, H. Cultura da conexão. São Paulo: Aleph, 2009.
- JENKINS, H. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2014.
- JOHNSON, S. Cultura da Interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- LEMONS, A. Podcast. Emissão sonora, futuro do rádio e cibercultura. Disponível em http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404_46.htm Acesso em: 10 set. 2021.
- LÉVI-STRAUSS, C. "Estruturalismo e ecologia". In: O olhar distanciado. Lisboa: Edições 70, 1983.
- LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LOPES, M. I. V. de. A teoria barberiana de comunicação. Matrizes, v. 12, n. 1, 2018.
- LUCENA, L. C. Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção. São Paulo: Summus Editorial, 2012.
- MELO, C. T. V. de. O documentário como gênero audiovisual. Comunicação & Informação, Goiânia, Goiás, v. 5, n. 1/2, p. 25–40, 2013. DOI: 10.5216/c&i.v5i1/2.24168. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/24168>.



Acesso em: 10 set. 2021.

PASSARELLI, B.; JUNQUEIRA, A. H.; ANGELLUCI, A. C. B. Os nativos digitais no Brasil e seus comportamentos diante das telas. *Matrizes*, v. 8, n. 1, jan./jun. 2014.

REZENDE, D. D. "Podcast. Reinvenção da comunicação sonora". In: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.*; XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

SIMMEL, G. "Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal". In: FILHO, E. M. (org.). *Coleção Grandes Cientistas Sociais*, n. 34. São Paulo: Ática, 1983.

SOARES, I. O. Educomunicação e educação midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. *Comunicação & Sociedade*, v. 19, n. 2, 2014.

SOARES, I. O. *Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural*. São Paulo: ABPEducom, 2017.

SOARES, I. O. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação – Contribuições para a reforma do Ensino Médio*. São Paulo: Paulinas, 2011.

VIANA, Claudemir Edson; LAGO, Cláudia. Direitos Humanos e Comunicação, um tema gerador de debates e encontros sob a perspectiva da educomunicação. In: _____ (orgs.). *Educomunicação e Direitos Humanos: caminhos da sociedade midiática pelos direitos humanos*, São Paulo: ABPEducom, Universidade Anhembi Morumbi, NCE/USP, 2015.